

# Renato Ferraz: O Contador de Histórias da História de Canudos

Ângela Gutiérrez<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo relembra e salienta o papel exercido por Renato Ferraz na ampliação do conhecimento sobre Canudos, no desenvolvimento da consciência cidadã dos habitantes de Canudos contemporânea e na divulgação de Canudos como tema histórico, artístico e literário.

**Palavras-chave:** Renato Ferraz. Canudos. Trípoli Gaudenzi. Vargas Llosa.

## RENATO FERRAZ: EL NARRADOR DE HISTORIAS DE LA HISTORIA DE CANUDOS

## Resumen

Este artículo recuerda y resalta el rol ejercido por Renato Ferraz en la ampliación del conocimiento sobre Canudos, en el desarrollo de la conciencia ciudadana de los habitantes de Canudos contemporânea e en la divulgación de Canudos como tema artístico y literario.

**Palabras-llave:** Renato Ferraz. Canudos. Trípoli Gaudenzi. Vargas Llosa.

---

<sup>1</sup> Profª Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez: Doutora e Pós-Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais; Escritora; Membro da Academia Cearense de Letras; Professora da Universidade Federal do Ceará; Pesquisadora na área de literatura de tema canudiano.

No ano de  
memorava  
do monum  
Cunha (19  
à cena do i  
reflexões s  
desvelando  
desconheci  
em Esplana  
Renato Fer  
chamado s  
guerra que  
culo XIX.

Neste  
completam  
nato, o Cer  
Cunha, sen  
mória e à cu  
recorda, h  
edição de  
presso, a Re  
três pessoa  
levante no  
da vida no  
episódio d  
João de Réj

A ed  
2002 publi  
que escrev

<sup>2</sup> Ver website d  
Cunha: <www

ias da

Gutiérrez<sup>1</sup>

ampliação do  
dos habitantes  
rico, artístico e

DE CANUDOS

ampliación del  
: los habitantes  
tico y literario.

Universidade  
Universidade

No ano de 2002, quando o Brasil comemorava o centenário de publicação do monumento literário de Euclides da Cunha (1977), *Os sertões*, que trouxe à cena do início do século XX fatos e reflexões sobre a Guerra de Canudos, desvelando para leitores do litoral o desconhecido Brasil de dentro, falecia em Esplanada, na Bahia, o historiador Renato Ferraz, grande conhecedor do chamado sertão do Conselheiro e da guerra que aí se travou no final do século XIX.

Neste ano de 2012, quando se completam dez anos da morte de Renato, o Centro de Estudos Euclides da Cunha, sempre atento “à história, à memória e à cultura popular do Nordeste”<sup>2</sup>, recorda, homenageia e discute, nesta edição de seu respeitado veículo impresso, a *Revista Canudos*, a atuação de três pessoas que cumpriram papel relevante no conhecimento mais amplo da vida no Arraial de Belo Monte e do episódio de Canudos: Renato Ferraz, João de Régis e Paulo Monteiro.

A edição da *Revista Canudos* de 2002 publicou um breve depoimento que escrevi, a convite do CEEC, em

<sup>2</sup> Ver *website* do Centro de Estudos Euclides da Cunha: <[www.uneb.br/ceec](http://www.uneb.br/ceec)>.

homenagem a Renato Ferraz, no ano de seu falecimento, em que indico alguns vetores da ação do historiador baiano relativa a Canudos. Retomo alguns desses vetores neste texto-depoimento, também escrito a convite do CEEC, e os desenvolvo, para constituir, ao lado de textos de Tripoli Gaudenzi e de José Carlos Pinheiro, um capítulo-homenagem a Renato Ferraz, no décimo aniversário de sua partida.

Entre os vetores da atividade do historiador baiano na luta pelo resgate da história oral do arraial de Belo Monte e pela dignidade dos canudenses de hoje, aponte, no mencionado texto de 2002, sua atuação:

[...] como discípulo e parceiro do Prof. Calasans; como pesquisador e professor da UNEB; como voluntário em trabalhos culturais e sociais junto à comunidade de Canudos; como guia de Mario Vargas Llosa nos sertões baianos do Conselheiro; como curador das exposições da *Coleção Canudos Rediviva*, do artista plástico Trípoli Gaudenzi; como assessor especial da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia para assuntos relacionados ao centenário, em 1997, do fim da Guerra de Canudos, da destruição do Arraial de Belo Monte e da morte do Conselheiro. (GUTIÉRREZ, 2002, p. 31).

Para o depoimento atual, aponto tais vetores para uma única direção: o historiador que é, ao mesmo tempo, o contador de histórias e o homem de ação voltados para Canudos, aí incluída sua atividade como guia de Vargas Llosa nos sertões do Conselheiro. Embora tenha sido testemunha da atividade de Renato Ferraz como curador da *Coleção Canudos Rediviva*, de Trípoli Gaudenzi, em várias exposições, realizadas com sucesso em Fortaleza, Salvador, São Paulo, Colônia e Paris, e seja fervorosa admiradora do grande painel de Canudos que o artista baiano criou, em diferentes técnicas de desenho e pintura, considerando que Trípoli também escreve sobre Renato nesta mesma edição da *Revista Canudos*, não cuidarei do assunto, pois a voz do artista é a mais relevante para expor esse traço do homenageado como homem ligado às artes.

Apesar de ter, generosamente, divulgado seus conhecimentos sobre Canudos em conversas com pesquisadores, entrevistas, palestras e outros meios orais, Renato Ferraz não os registrou por escrito na medida da profundidade, da diversidade e da amplitude de seu saber sobre o assunto. Aliás,

como aprendiz do Prof. Calasans no início de suas atividades como historiador, Renato conhecia a importância que o mestre dedicava à oralidade na História, tendo sido Calasans um dos precursores da revisão da História de Canudos com base na versão oral das testemunhas (e seus descendentes) dos acontecimentos da guerra de Canudos e da vida no Arraial de Belo Monte e, anteriormente, da peregrinação de Antônio Conselheiro pelos sertões.

Entre os textos publicados por Renato, avulta a importância da *Cartilha Histórica de Canudos*, obra editada em 1991 pela Prefeitura de Canudos e pela Universidade do Estado da Bahia e escrita em colaboração com Manoel dos Santos Neto e José Carlos Pinheiro. Já tem sido ressaltada a relevância do pequeno texto como instrumento didático para “[...] favorecer o acesso aos dados e estimular a busca da verdade, resgatando para a comunidade local os fatos do passado para melhor compreensão da realidade presente, analisando criticamente o contexto regional” (ver apresentação em FERAZ; SANTOS NETO; PINHEIRO, 1991, p. s/n).

lasans no  
no histo-  
portância  
idade na  
is um dos  
história de  
o oral das  
entes) dos  
Canudos  
Monte e,  
ção de An-  
ões.

cados por  
da *Carti-*  
ra editada  
Canudos e  
o da Bahia  
m Manoel  
os Pinhei-  
relevância  
strumento  
r o acesso  
ca da ver-  
muniidade  
ra melhor  
presente,  
contexto  
em FER-  
NHEIRO,

Outras importantes publicações sobre Canudos que contam com a participação de Renato são os dois álbuns *Arqueologia Histórica de Canudos: Preliminares*, de 1996, em que colaborou como Coordenador do Projeto Canudos, e *Arqueologia e Reconstrução Monumental do Parque Estadual de Canudos*, de 2002, em que foi responsável pela pesquisa histórica do período colonial e pós-colonial.

Aliás, na edição n. 1 da *Revista Canudos*, o Prof. Edivaldo Boaventura, grande intelectual da Bahia, em artigo sobre o Parque Estadual de Canudos, salienta que: “Coube a Renato Ferraz, estudioso dos sertões baianos, a sugestão para se criar o parque, em meados de 1985. Como cada dia mais avulta a importância histórica de Canudos, era preciso começar a preservação do sítio bélico”. (BOAVENTURA, 1996, p. 66).

Entre os textos de Renato Ferraz publicados em revistas, lembro sua colaboração com a *Revista da USP-Dossiê Canudos*, com o artigo “O centenário de Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história”, que inicia com o relato da III Semana Cultural de Canudos. Aliás, a realização dessas sema-

nas dedicadas a estudos sobre Canudos constituía um dos temas a que se dedicava com evidente entusiasmo: “Por quatro dias, em auditório improvisado no clube Vaza-Barris, uma plateia de estudantes, professores e interessados teve a oportunidade de, durante horas seguidas, discutir detalhadamente aspectos da vida e da personalidade do beato cearense, de sua cidadela indomável e das multidões que o seguiram até a morte”. (FERRAZ, 1993-1994, p. 84).

A pesquisadora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, ao narrar sua primeira participação na chamada *troupe* canudiana, refere-se a Renato como o narrador oral – “conhecendo tudo, contando casos” – que ele foi essencialmente, na melhor tradição do contador de histórias da História:

O significado de conhecer Trípoli Gaudenzi e sua ‘Guernica brasileira’, as almas encantadas dos poetas dublês de historiadores Manoel Neto e Fábio Paes; a galhofa (de cara sisuda) de Renato Ferraz conhecendo tudo, contando casos que ele viu de perto, os discursos emocionados de Adelino Brandão nas noites frias de Canudos. E a sabedoria

generosa do Professor Calasans, tentando dar a uma rua o nome de Lélis Piedade e a nós a paixão pela causa? E o prazer de sermos seus aprendizes? (BARROS, 2001, p. 12).

O escritor Vargas Llosa (1981), enquanto se preparava para a redação final de seu belo romance sobre Canudos que veio a intitular-se *La guerra del fin del mundo*, teve o privilégio de contar com a colaboração generosa de dois grandes conhecedores do assunto: Dr. José Calasans que, primeiramente lhe forneceu farta bibliografia sobre Canudos, disponível à época, como, posteriormente, importantes informações ao vivo, e Renato Ferraz, que acompanhou o romancista durante quase dois meses em andanças pelo sertão baiano.

Já em minha tese de doutorado, defendida em 1994 e publicada em 1996, *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*, chamei atenção para a relevância dessa viagem na escrita do romance:

Em várias entrevistas sobre o romance *La guerra del fin del mundo*, Vargas Llosa esclarece as circunstâncias de seu encon-

tro com o tema de Canudos: a partir de convite da Paramount em Paris, escreve um roteiro de filme sobre esse episódio em parceria com o cineasta Rui Guerra. Como o filme não se realiza, Vargas Llosa, fascinado pelo tema, desde a leitura de *Os sertões*, decide transformar o roteiro, *La guerra particular* ou *Los papeles del infierno*, em romance, pretendendo escrever a *Guerra e paz* latino-americana. Fiel ao método flaubertiano de documentação unida à observação, lê exaustivamente sobre Canudos e vem à Bahia, para conhecer de perto o sertão e os sertanejos. Durante dois meses, em companhia do antropólogo e historiador baiano Renato Ferraz, percorre o sertão que Antônio Conselheiro palmilhara um dia. A viagem reorienta a escrita do romance. A natureza, minimizada em versão inicial, passa a desempenhar papel decisivo no desenvolvimento da trama; personagens apenas delineados tomam nova feição definitiva: tudo a partir do impacto do território que antes desconhecia — o sertão (GUTIÉRREZ, 1996, p. 177-178).

Em 1997, no centenário da Academia Brasileira de Letras, após conferência proferida por Mario Vargas Llosa no Auditório da ABL sobre seu

Canudos: a  
Paramount  
roteiro de  
episódio em  
ineasta Rui  
ilme não se  
sa, fascinado  
leitura de Os  
nsformar o  
particular ou  
erno, em ro-  
o escrever a  
o-americanas.  
bertiano de  
da à obser-  
mente sobre  
Bahia, para  
o sertão e os  
dois meses,  
antropólogo  
Renato Fer-  
io que Antô-  
milhara um  
enta a escrita  
ureza, mini-  
inicial, passa  
pel decisivo  
o da trama;  
s delineados  
o definitiva:  
pacto do ter-  
sconhecia —  
REZ, 1996, p.

irio da Aca-  
s, após con-  
ario Vargas  
L sobre seu

romance canudiano, em encontro entre o escritor peruano, o historiador baiano e esta escritora cearense, estudiosa da obra vargasllosiana e do tema Canudos na literatura, pude imaginar, pela conversa que entretivemos, como deve ter sido uma experiência extraordinária para o romancista beneficiar-se dos conhecimentos de Renato sobre o sertão do Conselheiro, transmitidos por sua verve de encantador contador de histórias.

No ano anterior, quando Renato Ferraz, gentilmente, guiou-me e a meu marido, Oswaldo Gutiérrez, nos sertões do Conselheiro, fornecendo nomes de plantas, indicando locais de batalhas da guerra de Canudos, apresentando-nos gente da terra, além das informações relacionadas a Canudos, conhecemos, também, fatos pitorescos da História do Brasil em que seu tio-avô, grande amigo do Imperador Pedro II, desde a infância, participava. Tais histórias me levaram a ler com mais cuidado sobre essa relação entre Pedro de Alcântara e Pedreiras e a criar algumas cenas em meu romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (GUTIÉRREZ, 2006), como se fossem pequenos toques para Renato. Infelizmente, em-

bora escrito desde 1999, o romance só foi publicado em 2006, e o amigo não pôde lê-lo, assim como Dr. José Calasans, falecido em 2001, não conheceu o uso que fiz de presente que me deu: o nome e alguns dados sobre um francês que esteve na Bahia à época da guerra e que entrou em meu romance como um dos principais personagens, como relatei em conferência pronunciada no Seminário José Calasans, realizado em Salvador, com coordenação do Prof. Manoel Neto, do CEEC, em 2011: “Há 14 anos passados, no ano de 1997, quando era comemorado o centenário do fim da Guerra de Canudos, a destruição de Belo Monte e a morte do Conselheiro, nosso mestre Calasans convidou-me a pronunciar conferência na Academia de Letras da Bahia, em Seminário intitulado “Canudos”. Terminada minha conferência – “A guerra do fim do mundo na ficção canudiana” –, ao tecer comentários sobre o tema que eu acabara de analisar, Dr. Calasans relembrou um presente que fizera a Vargas Llosa e que não fora aproveitado pelo escritor peruano em seu romance sobre Canudos. Como sabia que sou ficcionista, ocorreu-lhe, então, oferecer-me publicamente o mes-

mo presente: um personagem da vida real que eu poderia transportar para o mundo novelesco. Os dados eram poucos, mas instigantes: tratava-se de um cidadão francês, Charles Dubois ou Dubuis, que, à época da terceira expedição contra Canudos, pedira permissão ao Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, para lutar ao lado do exército brasileiro. Indeferido seu pedido, teria, assim mesmo, vindo à Bahia e, depois da Guerra, continuaria morando no país por algum tempo, possivelmente vivendo com uma sertaneja. Guardei o oferecimento na memória embora, até então, não acalentasse ideia de escrever ficcionalmente sobre o tema de Canudos. No mesmo ano, porém, escrevi algumas páginas e um roteiro de um novo romance, já aproveitando o personagem. No entanto, muito absorvida em minha vida acadêmica, só encontrava tempo para dedicar-me à escrita ensaística. Nas férias de 1999, escrevi quase integralmente o romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, mas, infelizmente só pude cuidar de sua publicação em 2006, quando já não estavam entre nós o mestre Calasans e Renato Ferraz. Confesso sem exagero que após a partida dos dois amigos, já

não podendo tê-los como leitores, perdi o elã de trazer o romance a público, pois, nesse livro, além de desenvolver o personagem apresentado por Dr. Calasans, fiz vários acenos a Renato Ferraz, referindo-me a Pedreiras, Visconde do Bom Retiro, amigo do Imperador e tio-avô de Renato, sobre quem o amigo me contara instigantes historietas.” (GUTIÉRREZ, 2011).

Término esta relembração com a sensação de ter ao lado o grande conhecedor da História de Canudos que transmitia seu saber com a simplicidade de um narrador do sertão, numa roda de vizinhos, talvez, em uma noite de junho, em torno à fogueira que ilumina há séculos os contadores de histórias.

REF  
ARQ  
prelim  
teria  
dunçã  
Camb  
ARQ  
menta  
Salva  
BARR  
Prefa  
Rober  
discu  
Salva  
BOA  
Estad  
Revis  
p.65-  
CUN  
de Ca  
cisco  
FER  
Mont  
histó  
São P  
1994  
FER  
Man  
Carl  
Cant

## REFERÊNCIAS

ARQUEOLOGIA histórica de Canudos: preliminares. Salvador: UNEB/Pró-Reitoria de pesquisa e Ensino de Pós-Graduação/Centro de estudos Euclýdes da Cunha-CEEC, 1996.

ARQUEOLOGIA e reconstrução monumental do Parque Estadual de Canudos. Salvador: UNEB/CEEC, 2002.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Prefácio. In: NETO, Manoel; DANTAS, Roberto. **Os intelectuais e Canudos: o discurso contemporâneo: história oral.** Salvador: UNEB, 2001. p. 11-15.

BOAVENTURA, Edivaldo M. Parque Estadual de Canudos: criação e evolução, **Revista Canudos**, Salvador, v. 1, n. 1, p.65-79, dez. 1996.

CUNHA, Euclides. **Os sertões: campanha de Canudos.** 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL/MEC, 1979.

FERRAZ, Renato, O centenário de Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história. **Revista USP-Dossiê Canudos**, São Paulo, n. 20, p. 82-87, dez./fev. 1993-1994.

FERRAZ, Renato; SANTOS NETO, Manoel Antônio dos; PINHEIRO, José Carlos da Costa. **Cartilha histórica de Canudos.** Salvador: Prefeitura Municipal

de Canudos; Universidade do Estado da Bahia, 1991.

GAUDENZI, Trípoli. **Memorial de Canudos/The Canudos memorial.** Prefácio de Renato Ferraz e introdução de José Calasans. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Bahiatursa, 1993.

GUTIÉRREZ, Angela. Homenagem a Renato Ferraz e à sua Luta pela Dignidade do Povo do Arraial de Belo Monte e da Canudos de Hoje. **Revista Canudos**, Salvador, v. 7, n. 6/7, p. 31-35, jan./dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Luzes de Paris e o fogo de Canudos.** Fortaleza: Edições UFC, 2006.

\_\_\_\_\_. **O conselheiro de José Calasans: da história à ficção.** Conferência pronunciada em 18 ago. 2011. In: SEMINÁRIO JOSÉ CALASANS, Salvador, CEEC/UNEB, 2011. Inédita.

\_\_\_\_\_. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina.** Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

VARGAS LLOSA, Mario. **La guerra del fin del mundo.** Barcelona: Seix Barral, 1981.